



MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO  
Secretaria de Política Agrícola  
Departamento de Economia Agrícola  
Coordenação-Geral de Estudos e Informações Agropecuárias

## **Informativo sobre a Estiagem no Nordeste - nº 30    28/02/2013**

### **1. Nordeste – Previsão climática para os próximos meses**

Estiveram reunidos, no último dia 22 de fevereiro, em Natal, especialistas do Instituto Nacional de Meteorologia (INMET), do Centro de Previsão de Tempo e Estudos Climáticos do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (CPTEC/INPE), da Fundação Cearense de Meteorologia e Recursos Hídricos (Funceme) e dos núcleos de meteorologia dos estados no Nordeste, para analisarem as condições climáticas da Região Nordeste e divulgarem prognóstico de chuvas para os próximos meses.

O novo prognóstico foi divulgado com previsões climáticas que apontam probabilidade de 40% para as precipitações ficarem abaixo do normal, 35% para chuvas em torno da média, e 25% de probabilidade de chover acima da média.

Segundo a Funceme, houve uma leve melhoria nas condições do Atlântico, mas são esperadas precipitações abaixo da normal no período entre março, abril e maio, sendo importante ressaltar que é característica de anos como este uma irregularidade temporal e espacial das chuvas.

O prognóstico divulgado pelos meteorologistas, se concretizado, agrava a situação dos reservatórios e açudes que alimentam os sistemas de abastecimento dos meios urbanos e rurais, além das atividades agrícolas e pecuárias da região.

Na reprodução da imagem de satélite do INPE, abaixo, vê-se que as chuvas na região são escassas e isoladas.





## 2. Nordeste: Breve histórico das secas

Joaquim Alves, autor de “História das Secas”, (Século XVII a XIX), citando vários cronistas e historiadores dos séculos XVI a XIX, narra a história das secas que atingiram a Região Nordeste naquele período, flagelando as populações colonizadoras e indígenas. No século XX, outros autores continuaram estudando e registrando os fatos sobre o fenômeno das secas na região.

Os memorialistas e historiadores do passado deixaram uma vasta documentação que registra os fatos, principalmente a partir do final do Século XVII, quando houve a ocupação do Semiárido nordestino pelas fazendas de gado. Abordam as causas das secas e documentam suas consequências, registrando fatos como o abandono das fazendas e as dramáticas migrações para o litoral, tanto de tribos indígenas quanto de colonizadores, por vezes com perdas totais de populações humanas e seus rebanhos. Relatam a situação crítica de higiene, saúde e ordem social da cidade de Fortaleza que na grande seca de 1877 abrigou uma multidão de flagelados em acampamentos, mantendo-os em circulação restrita, levando a uma comoção pública de âmbito nacional; e por fim os autores fazem uma apreciação crítica das políticas públicas de combate aos efeitos das secas, que nomeou várias comissões de estudos, gerando muitos planos e poucas realizações.

**TABELA 1 – NORDESTE: SECAS DO SÉCULO XVIII**

CEARÁ	RIO GRANDE DO NORTE	PARAÍBA	PERNAMBUCO
1722	1710-1711	1710-1711	1709-1711
1721-1725	1721	1721	1720-1721
-	1723-1727	1723-1727	1723-1727
-	-	1730	-
1736-1737	1736	1736-1737	1735-1737
1745-1746	1744	1746-1747	1744-1747
-	-	-	1748-1751
1754	-	-	-
1760	-	-	-
1766	1766	-	-
1772	-	-	1771-1772
1777-1778	1777-1778	1777-1778	1776-1778
-	1784	-	1783-1784
1791-1793	1791-1793	1791-1793	1790-1793

Fonte: Joaquim Alves, “História das Secas”.



MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO  
Secretaria de Política Agrícola  
Departamento de Economia Agrícola  
Coordenação-Geral de Estudos e Informações Agropecuárias

Os estudiosos das secas do passado já observavam que as crises climáticas não se manifestavam, em um mesmo ano, na extensão de todo o território sujeito ao fenômeno. Pode se apresentar em um estado e não ser assinalada em outro pertencente à mesma área, no qual vem a se verificar um ano depois, como pode ser observado em várias ocasiões registradas nas tabelas de secas dos Séculos XVIII e XIX. Percebe-se, assim, que há uma variabilidade espacial e temporal muito grande na ocorrência das estiagens naquela Região.

**TABELA 2 – NORDESTE: SECAS DO SÉCULO XIX**

CEARÁ	RIO GRANDE DO NORTE	PARAÍBA	PERNAMBUCO
1804	1808	1803-1804	-
1810	1814	-	1819-1820
1824-1825	1825	1824-1825	1824-1825
1844-1845	1833	-	1833-1835
1877-1879	1845	1845-1846	1845-1846
1888-1889	1877-1879	1877-1879	1877-1879
1898	1888-1889	1888-1889	1888-1889
1900	1898	1898	1898
-	1900	-	1900

Fonte: Joaquim Alves, "História das Secas".

Coube ao jesuíta Fernão Cardim, cronista citado por Joaquim Alves, a primeira notícia sobre seca na região. Relatou que entre os anos de 1580 e 1583 houve tão grande seca em Pernambuco que as fazendas de açúcar e mandioca nada produziram, e as populações portuguesas e indígenas foram atingidas duramente pela fome. Dos sertões desceram quatro a cinco mil índios famintos que buscavam socorro nas fazendas do litoral.

Durante as secas os índios, acossados pelas necessidades de subsistência, lutavam entre si pela posse das melhores terras, mais ricas em caça e pesca e apropriadas para as suas culturas. Segundo o autor a luta contra as secas foi um dos traços marcantes da vida das populações indígenas.

A ocupação do interior do Nordeste pelos portugueses foi lenta até a primeira metade do Século XVII. A partir da segunda metade do século, com a penetração dos colonos nas terras de criação de gado, os registros de ocorrência de secas passaram a ser mais frequentes. No Século XVII o Senador Tomaz Pompeu relata eventos nos anos de 1603, 1614, 1645, e de 1692 a 1693.



MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO  
Secretaria de Política Agrícola  
Departamento de Economia Agrícola  
Coordenação-Geral de Estudos e Informações Agropecuárias

Uma das consequências imediatas da estiagem de 1692 a 1693 foi a migração das populações para as regiões das minas, despovoando fazendas e abandonando currais. Foi assim no passado e continua sendo assim atualmente, embora permaneçam sempre núcleos populacionais que recomeçam as atividades.

Conforme se observa na Tabela 1, em cinco vezes no Século XVIII as secas manifestaram-se com toda sua intensidade. Ocorreram ainda anos secos em alguns estados enquanto outros permaneceram beneficiados pelas chuvas. Entre as treze secas do Século XVIII, cinco foram comuns a toda a região e oito manifestaram-se sem continuidade regional. As secas da primeira metade do Século XVIII contribuíram para retardar o crescimento demográfico dos sertões e o desenvolvimento econômico.

Ao final do Século XVIII, os sertões do Nordeste atravessavam uma fase de reconstrução da economia, destruída pela grande seca de 1790 a 1793. As fazendas estavam despovoadas, a população fora reduzida ao mínimo pela morte e pela emigração para as serras frescas e para o litoral. Contudo, permaneciam nas fazendas núcleos humanos que deviam repovoar a terra e continuar a indústria de carnes instaladas em Mossoró, Aracati, Acaraú, Camocim e Parnaíba, centros sertanejos que progrediram enquanto o flagelo das secas não atingiu profundamente as fazendas.

Até a primeira metade do Século XIX a emigração foi a primeira atitude assumida pelo homem ante a manifestação das secas, despovoando fazendas e abandonando a indústria de carnes. Os indígenas fugiam para o litoral e para as serras, enquanto colonizadores europeus migravam para as regiões das lavras de ouro em Minas Gerais, no início do Século XVIII, que se expandiam e, incentivados pelos governos, para a Amazônia, que ajudaram a povoar e desenvolver os ciclos da borracha do final do século XIX e na seca de 1942.

No Século XX houve seca nos anos de 1915, 1932, 1942, 1958, 1970, 1979, 1993 e 1998, sendo que, a partir da segunda metade do século as políticas públicas de construção de açudes, a abertura de frentes de trabalho, os programas sociais e o desenvolvimento do sistema produtivo regional ajudaram a manter a população no próprio local e diminuir a emigração.